

O carcereiro e os pironautas

Por Rafael Sirangelo Eccel*

Faz algum tempo que ouço falar dos magros e dos magríssimos, dos cabeções e dos peitudos, dos publicitários e dos malditos. E me pergunto. Qual é? Postulado primeiro, - seco e crú - que diferença faz?

O ceticismo já vem de ostras, e fico irritado quando ouço vozes. Sinceramente, adoro falar sobre isso - os magríssimos - , principalmente bêbado, mas sei que leva à nada. Nunca uma geração fez tanto barulho com tão pouco. Nunca um grupo criou tanta polêmica tão no início, quando quase tudo ainda é identificação de território.

Encaro isso de várias maneiras, mas é certo que estou ficando quase louco no meio do fogo cruzado. Tá na hora de assumir, então, penso. Falar mal de alguém antes que falem de mim!

Me deixem fora dessa guerra santa. Por mais que sejam loucos e fortes e autóctones e talvez até ingênuos meus delírios cinematográficos, por mais que eu me interesse por COOPERATIVAS e NÃOs, eu tenho uma vida fora das telas. Não tô a fim de dar porrada em buteco - muito menos levar...

Já fiz natação, e eu odiava que um queria sempre nadar mais rápido que o outro. Não tô interessado em saber quem é mais máquina. Prefiro emoção. Filme bom é aquele que me faz chorar, não interessa o resto.

Admiro a espontaneidade do Zanella, o Gus e sua iniciativa louca, o Rodrigo Portelinha e seu mercantilismo apaixonado. Mas, no fundo, prefiro a Renata nua no meu quarto, sem máculas ou pudores. Eu quero sentir. Cinema é arte, e arte, antes de tudo, é sentimento. Técnica pura e simples é masturbação, e quando sinto aquele troço duro na

minha frente - como dizia o Bukowski - tem que ser prá valer. Fogueira das vaidades, whisky duplo e discurso é Hollywood. Eu quero falar de futebol.

Me interessa o desabafo, quando honesto. E deixem a Zero Hora escolher seus ícones.

Quando entrei em cinema, buscava exorcismo. Foi a maneira que mais funcionou para me purificar. A literatura e a música sempre foram latentes, mas nunca eficazes, embora eu as desejasse muito mais. Ampliando isso, me faz bem quando alguém argumenta que ESPERA é um filme sensível. Tecnicamente muito aquém do que poderia ser, digo eu, hoje, mas eficiente ao transmitir a sensação.

"A resposta está na tela", me disse o Marcos Fontana, uma vez, em São Paulo, sobre esse papo. "Ando cansado de tanta falação", respondi. A rede de intrigas vai acabar arrebentando e o prejuízo vai ser meu, teu, delas e deles...

No Festival de Cinema Universitário, em Niterói, que a Flávia Seligman me proporcionou, tive a clara sensação de que o Cinema Gaúcho seria muito maior se fosse menos teórico e metido à besta. Alma, se tem de sobra por aqui. Na proporção, acho que até mais que lá "prá cima". Mas falta direcionamento, me parece. Humildade.

De novo, insisto, magros x magríssimos x qualquer coisa é questão para se pensar daqui há dez anos. E não vai partir de mim. Na real, se o artista reflete a obra, também é refletido por ela. A resposta está na tela.

O que faz falta, mesmo, - e aí amplio a análise para uma esfera nacional - é indústria. Se a classe não consegue viver sem competição, e então a

desculpa é a incorrigível natureza humana, que tudo seja via mercado. Com ele, independente das inevitáveis injustiças, se constituiria uma hierarquia. Incontestável, pois feita por quem deve fazê-la: o público de cinema. Filme bom teria bilheteria, sinônimo de credibilidade frente a patrocinadores e de sobrevivência dentro deste mercado.

Poderia soar a mesma competição que acabei de criticar, mas, no fundo, é extremamente diversa, à medida que envolve fatores que ninguém, a não ser ele, público, pode, tem direito e deve julgar. Técnica, ou falta de, seria visível quando prejudicasse o todo. A carga emocional de um filme o creditaria a ser bom ou não. Melhor ou pior que os outros.

O julgamento estaria no âmbito da história - instigante, verossímil, bem contada; ou previsível, confusa... - e a consequência iria para a capa do jornal: "Bateau Mouche bate recorde de bilheteria no Rio". Faria, portanto, sem sentido boa parte da guerra de beleza que se verifica hoje, tempo em que o Cinema Brasileiro não tem referencial próprio de cotação e o "câmbio" oscila desgovernado. Puxar tapete continuaria amiúde, e a velha máxima, de que o meio fede, como outros meios, permanecería intacta. Uma das diferenças é que puxariam o saco de quem o público tornou superior, e não de quem fala mais ou mente melhor. É obvio que a falta de educação do público iria atrapalhar e teria que ser trabalhada, mas, de momento, não tenho a pretensão de ser tão amplo e completo.

Partindo da relevância de um mercado, cuja maior virtude ainda é gerar mais filmes, a geração(?) que surge tem a chance de crescer trabalhando numa situação muito mais favorável. O mercado que ameaça chegar via Barretos no Oscar, Walter Salles em Berlim, mas também via Sala Redenção lotada para assistir curtas em Super 8, pode estar vindo para ficar. A perspectiva de sobreviver com cinema deixa de ser apenas utópica. Basta que não seja epidêmica, como em outros tempos.

A solução começa por uma questão de mentalidade, e não por uma questão de conflito de gerações. Muito menos de conflito intra-geração, que

é o que mais se vê e o que mais atrapalha, e o que, de fato, mais me confunde. "Quem é meu irmão, afinal, quem tem a minha idade ou quem fala a minha língua?" - li isso em algum lugar.

Mas não vou esquentar a cabeça. Ninguém levaria ninguém a sério se não fosse o marketing que se cria a partir daí. Tenho plena consciência de como funcionam as coisas. A grande máquina taí para quem souber operá-la, e, se me oferecessem prá sempre o emprego de gigolô de festivais, podem apostar que me atiraria de cabeça. Deixem os pironautas falar, e chamem o carcereiro que meu copo secou.



* Superoitista &
aluno do VIII semestre de jornalismo na
FAMECOS-PUCRS